

DESUMANIDADE

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Angélica Ilacqua CRB-8/7057

González Faus, José Ignacio, 1933-2025

Desumanidade : reflexões sobre o mal moral / José Ignacio González Faus ; tradução:
Felipe Sardinha Bueno. - São Paulo : Paulus, 2025.

(Coleção Biblioteca de teologia)

ISBN 978-85-349-5678-9

Título original: La inhumanidad. Reflexiones sobre el mal moral

1. Igreja Católica – Doutrinas 2. Pecado I. Título II. Bueno, Felipe Sardinha III. Série

25-1071

CDD 241.31

Índice para catálogo sistemático:

1. Igreja Católica – Doutrinas – Pecado

Coleção BIBLIOTECA DE TEOLOGIA

- *À sombra do Altíssimo: a relação singular entre o Espírito Santo e Maria*, Jonas Nogueira da Costa
- *O cristão do futuro*, Karl Rahner
- *Ele está no meio de nós: uma cristologia do encontro*, Gabriel Perissé
- *Teologia moral em saída: desfazer nós e enfrentar desafios*, Julio L. Martínez
- *A credibilidade da proposta cristã*, Luís Oviedo Torró
- *Espaços litúrgicos de mulheres: revisar o passado, transformar o presente, desenhar o futuro*, Paula Depalma
- *Desumanidade: reflexões sobre o mal moral*, José Ignacio González Faus
- *Teologia da revelação*, René Latourelle
- *A religiosidade popular: lugar teológico para a nova evangelização*, Daniel Cuesta Gomez
- *No final nada? Sobre a ressurreição e a vida eterna*, Gerhard Lohfink
- *Deus às margens: a revelação de Deus no tempo da irrelevância cristã*, Francesco Cosentino
- *Eucaristia: compreender, viver e celebrar*, George Augustin
- *Esperança de vida eterna: força para agir hoje*, Walter Kasper; George Augustin
- *Da necessidade da bênção e da oração*, Karl Rahner
- *Mudança estrutural na Igreja como tarefa e oportunidade*, Karl Rahner
- *Não apaguem o Espírito!*, Karl Rahner
- *Quem é teu irmão?*, Karl Rahner
- *Ministério ordenado: ontem, hoje, amanhã*, Francisco de Assis Costa Taborda
- *Servir a humanidade, servir a Igreja: uma proposta teológica e pastoral sobre o diaconato*, Serena Noceti

JOSÉ IGNACIO GONZÁLEZ FAUS, SJ

DESUMANIDADE

Reflexões sobre o mal moral

Tradução: Felipe Sardinha Bueno



Todos os direitos reservados pela Paulus Editora. Nenhuma parte desta publicação poderá ser reproduzida, seja por meios mecânicos, eletrônicos, seja via cópia xerográfica, sem a autorização prévia da Editora.

Imprimatur:

+ Manuel Sánchez Monge

Bispo de Santander

24/9/2021

Título original: *La inhumanidad. Reflexiones sobre el mal moral*, by José Ignacio González Faus, SJ

© Editorial Sal Terrae 2021 - Grupo de Comunicación Loyola, S. L. U. – Bilbao (Spain)

gcloyola.com

Direção editorial

Pe. Jakson Ferreira de Alencar

Gerência editorial

Elisa Zuigeber

Revisão

Tiago José Risi Leme, Tatianne Francisquetti,

Luiz Henrique Ribeiro Lima, Pe. Zolferino Tonon

Design

Leonardo Cerretti

Impressão e acabamento

PAULUS

1ª edição, 2025



Conheça o catálogo PAULUS
acessando: paulus.com.br/loja,
ou pelo QR Code.

Televendas: (11) 3789-4000 /
0800 016 40 11

© PAULUS - 2025

Rua Francisco Cruz, 229 • 04117-091

São Paulo (Brasil)

Tel.: (11) 5087-3700

paulus.com.br • editorial@paulus.com.br

ISBN 978-85-349-5678-9

A Javier Vitoria.
Sempre fiel, sempre amigo, sempre irmão.

ÍNDICE

TRÊS ESCLARECIMENTOS SOB A FORMA DE PREÂMBULO	11
Mito da descrição do mundo	14
CAPÍTULO 1 – A REALIDADE DO PECADO	17
I. A revelação bíblica do pecado	21
1. O adultério de Davi	21
2. O cego de nascimento	23
3. A “cegueira” como dimensão do pecado	25
4. O processo para a experiência do pecado	30
Apêndice – Sobre a validade de um acesso universal ao pecado	34
II. O desmascaramento do pecado por Paulo	38
1. O pecado pagão	40
2. O pecado judaico	51
3. A fragilidade humana: o homem dividido	59
III. A linguagem do pecado	68
1. A linguagem da mancha	68
2. A transgressão	72
3. O desvio ou o “mau caminho”	75
4. A linguagem da ofensa a Deus	80
5. A título de conclusão	84
CAPÍTULO 2 – O PECADO ESTRUTURAL	87
I. O pecado no mundo	92
1. A noção bíblica de “pecado do mundo”	92
2. A noção de “pecado estrutural” na doutrina da Igreja	99
3. Reflexão teológica	107
Apêndice 1 – O pecado estrutural e a teoria crítica da sociedade	140
Apêndice 2 – O pecado como mera ignorância?	148

II. O pecado na história	150
1. Dimensão histórica do pecado	152
2. O pecado de toda a história	155
3. Conclusões: a região da dessemelhança	172
CAPÍTULO 3 – O PECADO ORIGINAL	175
I. A experiência humana	180
1. O descontentamento consigo próprio	180
2. A desproporção do mal	183
3. Variações seculares sobre o pecado original	185
II. A interpretação da crença	207
1. Os testemunhos bíblicos	207
2. O ensinamento da Igreja	222
III. Conclusões	254
1. Situação e função da doutrina do pecado original	254
2. Conteúdos da doutrina do pecado original	261
Apêndice 1 – O problema do batismo das crianças	280
Apêndice 2 – Pecado original e conservadorismo	283
Apêndice 3 – O pecado original e as religiões orientais	286
CAPÍTULO 4 – DIMENSÃO TEOLOGAL DO PECADO	289
I. A consciência de culpa	294
1. A formalidade da culpa:	
“Somente contra ti é que eu pequei” (Sl 51,6)	294
2. Conteúdo da culpa:	
“Pequei, entregando sangue inocente” (Mt 27,4)	301
3. Uma objeção	309
4. O reconhecimento da culpa: “Ninguém tem de si mais do que pecado e mentira” (DH 392)	312
II. O pecado como castigo de si mesmo	320
1. A des-Graça como desgraça	320
2. A des-Graça como referência à Graça	324
CONCLUSÃO	327

“Nada há mais incompreensível que o homem entre todos os seres que respiram na terra e caminham sobre ela”.
(Homero, *Ilíada*, XVII, 446-447)

1. “Que é o homem para dele te lembrares?” (Sl 8).
2. O homem, “imagem e semelhança de Deus” (Gn 1,26).
3. “O homem, um lobo para o homem” (Plauto, Hobbes).
4. “O homem, ser supremo para o homem” (K. Marx).

TRÊS ESCLARECIMENTOS SOB A FORMA DE PREÂMBULO

1. O volume *Proyecto de hermano: visión creyente del hombre*, de 732 páginas, esgotado há anos e do qual este livro, que hoje aparece solto, fazia originalmente parte, tinha uma primeira seção que procurava apresentar o ser humano como uma “contradição” (ou, se preferirmos, contraposição) entre sua criaturalidade (= finitude, limitação...) e aquilo a que a Bíblia chama ser “imagem e semelhança de Deus” (centelha divina ou pretensão de absoluto).

Como diria Hegel: onde quer que apareça uma contradição, é sinal de que está em curso um processo para ultrapassá-la: a dimensão histórica do homem é um dos traços que o distingue do resto da criação. Mas a Bíblia já adverte de que esse processo pode resolver-se mal, quando a imagem quer simplesmente “ser igual a Deus”, em lugar de tentar parecer-se com ele cada vez mais. E, também, quando o povo de Deus pretende não ser “de Deus” mas “como as outras nações”, a Escritura revela outro risco da imagem divina: renunciar à abertura e à vertigem (o imperativo) do divino e contentar-se com um fechamento silencioso. Embora a comparação não seja totalmente exata, talvez o leitor me compreenda se eu disser que é tão mau querer ser Quixote como querer ser Sancho Pança.

É nessa dialética inerente ao humano que surge a possibilidade do mal moral, por um lado, e da bondade moral, por outro: pecado e santidade na linguagem tradicional (embora se deva notar que não era de santidade, mas de Graça, que se falava, porque toda bondade humana é, acima de tudo, um dom de Deus). Este livro desenvolve apenas o primeiro desses dois elementos da contradição humana. Ou, dito de outro modo, trata apenas da terceira das quatro frases acima citadas: o homem “lobo do homem”.

De fato, a história mostra que o homem desceu demasiadas vezes, incompreensivelmente, para baixo de zero, para a própria negatividade (em termos de física, para o “zero absoluto”) dos seus níveis de humanidade. O Holocausto é um dos exemplos mais recentes, mas não o único. O “inferno” ou o “diabólico” não entraram na nossa linguagem como uma metáfora ou um exagero que ignora a realidade do que diz. Entraram porque “o mistério da iniquidade” (2Ts 2,7) é uma das fronteiras que afeta a existência humana. E se não, permita-me o leitor um breve resumo vivencial que resume tudo o que vamos estudar, e que é importante ter presente hoje, quando a palavra “pecado” é tão desacreditada e rejeitada. Vejamos então:

O nosso mundo é um vasto campo de sofrimento habitado por três classes de seres humanos:

a) Uma minoria significativa dos que causam esse sofrimento: quer diretamente (torturando, matando, traficando mulheres e crianças...), quer indiretamente (fabricando armas, dirigindo sistemas políticos ou econômicos que matam...). Muitos membros deste grupo são também ovacionados e considerados.

b) Uma maioria indiferente e alheia a esse sofrimento, que vive em oásis artificiais (muitas vezes construídos com a dor dos seus irmãos e irmãs humanos) e que, por isso, se considera “civilizada” ou mais desenvolvida.

c) Outra pequena minoria que se dedica a aliviar e a lutar contra o sofrimento do mundo. Destes, alguns encontrarão aplausos e reconhecimento, mas outros serão caluniados e crucificados (muitas vezes, os primeiros se terão dedicado apenas a aliviar essas dores e os segundos terão tentado atacar as causas dessa dor implantada no mundo).

E essa imagem sugere algumas reflexões:

Em primeiro lugar, por mais desacreditada que esteja a palavra “pecado”, permanece a questão de saber se o mundo descrito merece ser chamado de humano. E a partir daqui podemos começar a compreender que o pecado é sinônimo de desumanidade ou de dano ao humano. Daí as metáforas de ferida e doença que aparecerão para

descrevê-lo. É claro que as feridas e as doenças podem ser graves ou ligeiras. Mas todas elas são danos para o ser humano.

Em segundo lugar, a situação descrita é tão grave que a posição daqueles que negam a existência de Deus diante do quadro desolador desta terra pode ser compreensível. Pode ser compreensível, embora eles não levem em consideração muitos outros aspectos da realidade e, além disso, tenham de se interrogar constantemente se sua negação de Deus se deve realmente à razão que alegam ou se utilizam essa razão como um título aparente para absolutizar sua liberdade limitada. Mas *o que não é de todo compreensível é que existam seres humanos que, afirmando a existência de Deus e professando a fé no Deus revelado por Jesus Cristo, acreditem que essa fé lhes permite viver em paz, à margem da imensa dor do mundo.* E isso não é compreensível porque o cristão professa que, no homem verdadeiramente bom, é o próprio Amor de Deus que ama muitas vezes o homem e que ama o próprio Deus ao amar o homem.

2. Outro esclarecimento (mais acadêmico do que antropológico): como a palavra “confissão” vai aparecer bastante nestas páginas (não no sentido sacramental), gostaria de começar por confessar que o livro pode ser demasiado longo (já me disseram o mesmo sobre o volume de que provém). Teria uma brilhante justificação, se dissesse que o ser humano é um enigma inesgotável, como Homero testemunhou há muitos séculos no texto que abre o livro e como o profeta Jeremias confirmou no seu capítulo 17: “Não há nada mais complicado e doentio do que o coração humano”. Textos aos quais se deve acrescentar que, por vezes, não há nada mais precioso do que o coração humano.

Entretanto, mais uma vez, o tema do livro impede-me de recorrer a escusas brilhantes e aparentes. Confesso, pois, que uma boa parte dessa extensão excessiva se deve a dois problemas pessoais: não quis apresentar conclusões sem mostrar ao leitor as análises históricas que a elas conduziram, e também não quero deixar de sugerir algumas consequências práticas dessas conclusões, que julgo serem muito úteis para a vida cristã atual. Como repetirei, o leitor

pode saltar muitas páginas se quiser evitar os argumentos ou as possibilidades do que aqui se diz. Pode também recorrer àquele recurso dos nossos tempos de escola, quando o professor dizia (e todos respirávamos aliviados em segredo): “as letras pequenas não entrarão no exame”. O leitor é absolutamente livre para seguir o caminho que quiser. Mas achei que devia explicitar os caminhos lentos e por vezes íngremes que outros podem pensar que sobram.

Além disso, alguns poderão achar este livro demasiado pessimista; talvez seja o momento de recordar que a mensagem cristã foi por vezes definida como “a maior esperança no maior desespero” (ou, talvez, no mais sincero realismo?). Resta lembrar que este livro é apenas uma parte e que deveria ser completado com outra edição reformulada da parte dedicada à Graça naquele *Proyecto de hermano* (e que aí intitulei: “O homem sob o olhar benevolente de Deus”). Tenho essa intenção, mas creio que a idade me impedirá de levá-la a cabo. Teria então o título: *Plenitude humana* (ou talvez *Plenitude humana e presença divina*).

3. Retornando a este volume, e como o leitor verá, já na sua primeira edição (há mais de 30 anos), esta parte começava por constatar que, atualmente, a linguagem do pecado é muito malvista. Ou pior ainda: não tem a mínima audiência. Embora possa ser muito útil para atacar os outros, quando é dirigida a nós próprios, consideramo-la um atentado à liberdade. É por isso que me permito acrescentar a este prólogo um pequeno mito que, segundo me dizem, é um dos meus textos mais utilizados e que pode servir de aperitivo. Trata-se de uma paródia do primeiro capítulo do Gênesis.

Mito da descrição do mundo

No princípio, Deus criou o céu e a terra. Ambos prometiam a incrível harmonia do Uno e do distinto, o abraço invulgar do não divino e do divino. E o Espírito de Deus refletia-se nessa harmonia. E o homem disse: “Abatam as árvores da terra para dar lugar

a centrais nucleares, queimem as florestas para benefício dos promotores imobiliários, deixem o petróleo florescer nos mares e a poluição no ar das cidades”. E as fábricas lançavam fumo; e o chão, cimento. E os blocos bloquearam a vista dos mares. E o homem chamou civilização aos seus cimentos, e às árvores chamou atraso. E Deus viu o que o homem tinha feito, e era mau.

E o homem disse: “Que a terra produza apenas para mim e para os meus; que os outros trabalhem para mim e para os meus ao mais baixo preço, e que as riquezas de todos os povos sejam usadas para os meus caprichos, e não para as necessidades primárias dos outros”. E as máquinas despejaram toneladas de alimentos no fundo do mar para que os lucros dos exportadores não diminuíssem. E as barrigas de muitas crianças incharam de fome, e os sociólogos contaram milhões de mortes por fome num ano. E o homem chamou ao seu trabalho livre iniciativa, e à sua própria riqueza roubada chamou uma dádiva do céu. E Deus viu o que o homem tinha feito, e era mau. E houve uma noite e uma manhã, e milhões de homens continuavam a morrer de fome.

E o homem disse: “Separem-se os negros dos brancos e não perturbem sua paz. E que não se aproximem deles exceto para servi-los, e que não tenham direitos, porque contaminam a raça humana. E que as nações sejam separadas das nações, porque umas são maiores do que as outras”. E a terra ficou povoada de guetos isolados e países pobres, com cercas de arame farpado e fronteiras. E o homem chamou “pureza” ao seu próprio racismo, e “patriotismo” ao seu desprezo pelos outros. E Deus viu o que o homem tinha feito, e era mau.

E o homem disse: “Que todos eles não tenham direitos, pois só sabem usá-los para a libertinagem ou para a injustiça. E que deem sua liberdade ao patrão para que decida por eles, ou ao partido para que lhes sirva de consciência”. E o homem chamou ao partido “vanguarda”, e ao chefe “messias”. E as bocas calaram-se, as ruas esvaziaram-se e as cadeias encheram-se, e os familiares desapareceram, e a mesma paz dos cemitérios brotou nas cidades. E o sol se pôs e a aurora raiou, e a liberdade ainda estava ausente. E Deus viu o que o homem tinha feito, e era mau.